

AS HISTÓRIAS DA HISTÓRIA LITERÁRIA

LAURA FERNANDA BULGER
(Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro)

93

Há tempos alguém comentava o silêncio que se tem feito em torno de J. D. Salinger, autor de várias obras de ficção¹, mas nenhuma tão conhecida como *The Catcher in the Rye*², um romance publicado em 1951 que marcou várias gerações de adolescentes. Existe em todas as épocas um Holden Caulfield, a figura central em *The Catcher*, que demonstra ter dificuldade em comunicar com os adultos da sua geração. Tratando-se de um romance aberto, o leitor só poderá especular sobre o futuro deste jovem solitário e psicologicamente instável que, como outras personagens no romance de aprendizagem, busca um auto-conhecimento que lhe permita passar da adolescência à maturidade³. Temos a sensação de que Caulfield não irá resignar-se aos confortos de uma vida burguesa, ao contrário do protagonista representado no *Buildungsroman* do século XIX, de que é exemplo o clássico *Wilhelm Meister* (1795-6), de Goethe. É mesmo possível que, como o herói problemático de George Lukács, se sinta incapaz de conciliar as suas aspirações com as necessidades do mundo à sua volta⁴ e permaneça um marginal ou um rebelde como James Dean, o ídolo do cinema americano seu contemporâneo.

O *Buildungsroman* vai-se reescrevendo ao longo dos séculos, representando o/a jovem *misfit* com roupagens diferentes e uma linguagem renovada de acordo com o seu tempo e a sua maior ou menor irreverência. Foi precisamente a ousadia da linguagem utilizada no romance, profusa em *teenage slang*, e o facto de que a *quest* se confunde com a auto-destruição do protagonista, que fazem com que *The Catcher* resista a uma classificação genológica tradicional. O livro não seria lido agora com a mesma repugnância das alas puritanas da sociedade norteamericana nem com a mesma sofreguidão *voyeurista* demonstrada na altura pelos leitores mais jovens. Será que, passado cerca de meio século, o leitor deixou de se impressionar com a história do adolescente desiludido com a falsidade do mundo adulto? O facto é que os contextos de leitura são outros.

¹ Jerome David Salinger escreveu *Fanny and Zooey* (1961); *Raise High the Roof Beam, Carpenter and Seymour: An Introduction* (1963); *Nine Stories* (1953).

² O romance está traduzido para português com o título *Uma Agulha no Palheiro*. Lisboa, Livros do Brasil, 1983.

³ Cf. Susan Rubin Suleiman, «The Structure of Apprenticeship», in *Authoritarian Fictions, The Ideological Novel As a Literary Genre*, NY, Columbia University Press, 1983, pp. 64-65.

⁴ Georg Lukács, *The Theory of the Novel*, Cambridge, Mass., The MIT Press, 1920, p. 134.

Esta breve evocação do *best-seller* de J. D. Salinger serve de introdução às considerações que vamos fazer sobre a História Literária, num momento em que se torna imperativo repensá-la de modo a que venha a reflectir as transformações sociais e políticas a que temos assistido desde há pelo menos duas décadas. À semelhança do que se passa com a ficção contemporânea, a História Literária deve ser «um verdadeiro barómetro dos nossos tempos»⁵. Esta é a opinião de Homi K. Bahabha, nascido na comunidade Parsi de Bombaim, educado em Oxford e actualmente professor na Universidade de Chicago, um exemplo da cidadania adquirida num mundo cada vez mais globalizado.

Se a História Literária fosse uma actividade interactiva idêntica à dos *blogs* electrónicos, é provável que a simultaneidade tivesse substituído a percepção cronológica da literatura, pelo menos tal como é apresentada em algumas histórias e antologias literárias que continuam a descrever períodos, eras e épocas como se fossem unidades fixas e homogêneas. As divisões periodológicas fundamentam-se ora numa cadeia de influências de textos canónicos – a chamada tradição; ora em desafios a essa tradição – as descontinuidades ou rupturas; ora ainda em dominantes cada vez mais difíceis de distinguir e em contextos sócio-políticos de produção específicos.

Ninguém irá negar que a organização periodológica tem uma aplicação pedagógica reconhecida, embora tenda a simplificar questões que mais tarde ou mais cedo terão de ser clarificadas para que se dissipem certas mistificações. Uma delas assenta no determinismo historicista da periodologia literária. Tem servido para transmitir a ideia de que existe um renascer das cinzas no processo de transição de um período para outro, como se a criação literária fosse uma caminhada progressiva de causas e efeitos cujo objectivo é salvar o género humano. A ideia de um futuro regenerador não corresponde ao que se passa na realidade, tanto em termos de produção, como em termos de recepção. Por vezes a utopia transforma-se em distopia ao lermos as listas de *best-sellers* publicadas nas páginas das revistas e dos suplementos literários que contribuem para a divulgação e promoção comercial de obras cujo valor estético é bastante discutível.

Também ninguém ousaria dizer que a literatura se gera fora da História ou que alguma vez se tenha divorciado da História ou que, estando submetida ao tempo como tudo o mais nesta vida, não sofre os seus desgastes, ainda que, como outras formas de arte, aspire à eternidade. Este era afinal um dos objectivos do modernismo que pretendia dissolver a história na arte ou com uma «estética redentora», diz Leo Bersani⁶, anular o tempo e corrigir a própria vida. A propósito das fronteiras do modernismo, Ihab Hassan, citado por David Lodge, faz uma pergunta que é em si mesma incoerente: «Quando acaba o período moderno?»⁷ Por analogia, faremos outra pergunta que é mais abrangente: Quando começa e acaba um período literário? As demarcações são convencionais e geralmente não levam em conta a dinâmica que acompanha os processos de transição, sendo os prefixos “pré-” ou “pós-” subtilezas linguísticas utilizadas para ultrapassar dificuldades relacionadas com as descontinuidades ou rupturas que marcam as divisões e subdivisões peridiológicas⁸.

⁵ «A Personal Response», in *Rethinking Literary History*, p. 197.

⁶ *The Culture of Redemption*, Cambridge (Mass), Londres, Harvard University Press, 1990, p. 2.

⁷ «Historicism and Literary History: Mapping the Modern Period», in *Working with Structuralism, Essays and Reviews on Nineteenth-and Twentieth-Century Literature*, Boston, Londres e Henley, Routledge & Kegan Paul, p. 68.

⁸ Cf. Laura Bulger, «O tempo desencontrado da História Literária e o tempo reencontrado nos “múrmurios” e nas linguagens de Babel», in Actas do Colóquio Internacional, *Histórias Literárias Comparadas*, Lisboa, Universidade Católica, Edições Colibri, 2000, pp. 179-80.

Mas, o que parece ser mais grave é considerar que a literatura é apenas uma manifestação estética e sócio-cultural de uma época, ignorando por outro lado que essa manifestação se irá concretizar através de inúmeras leituras realizadas ao longo de várias épocas e em espaços diferentes, uma questão a que Hans Robert Jauss procurou responder com a sua *Rezeptionsästhetik* e as contínuas avaliações da noção de horizonte de expectativas⁹.

Porém as questões teóricas suscitadas pelo historicismo da História Literária não ficam pelas divisões peridiológicas. Para Linda Hutcheon e para os ensaístas da colectânea *Rethinking Literary History*¹⁰, não faz sentido continuar a escrever uma História Literária segundo o modelo inspirado no “estado-nação”, o conceito romântico que, no século XIX, ficou associado a uma literatura nacional. Fundamentava-se na ideia de uma única etnia e de uma única língua, utilizando-se o cânone literário como suporte de uma identidade nacional. A canonicidade gerada neste modelo teve como resultado um isolacionismo¹¹ que excluía relações com textos de outras literaturas com os quais o texto canónico mantinha uma intertextualidade formal ou temática, razão por que de um modo geral Proust continua a ser ignorado pela literatura inglesa, tal como Joyce, pela francesa, apesar das afinidades de natureza estética que existem entre os dois ficcionistas.

A estratégia político-ideológica implícita no conceito de “estado-nação” visava, como se disse, a consolidação da unidade nacional, sacrificando por isso as minorias étnicas e culturais. Stephen Greenblatt refere como exemplo desta estratégia a cadeira que dá pelo nome de Literatura Inglesa. Esta designação, comenta o professor de Harvard, não passa de uma “amalgama” de vozes, vencedoras e vencidas, de proveniências diversas: irlandesas, escocesas, galesas, etc.¹², entre as quais ressaltam os nomes de Swift, Wilde, Shaw, Joyce, para não falar de autores mais recentes que se colocam para além das fronteiras de uma literatura nacional, o caso do Prémio Nobel, V. S. Naipaul, nascido numa antiga colónia britânica, Trinidad, de origem indiana, que, explorando como poucos autores o potencial artístico da língua inglesa, escreve sobre a temática da identidade individual e nacional, fazendo sobressair o drama do *outsider* num dos seus romances mais celebrados, *The Enigma of Arrival* (1987). Com efeito, verifica-se um número crescente de autores de língua inglesa des-territorializados, desde o mediático Salman Rushdie ao discreto Michael Ondaatje, escritor canadiano nascido em Sri Lanka¹³.

O modelo de “estado-nação”, descrito por Hutcheon¹⁴, associa-se ao “modelo colonial,” analisado por Walter D. Mignolo¹⁵. É igualmente etnocêntrico e logocêntrico e, segundo Mignolo, causa da “diferença” entre a civilização ocidental e as outras civilizações que lhe são marginais. Ambos os modelos são adoptados pelas grandes

⁹ Cf. H. R. Jauss. *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimar, 1978.

¹⁰ Linda Hutcheon e Mario Valdés referem os resultados concretos do projecto, iniciado na Universidade de Toronto: «The concrete results of these experiments in rethinking literary history in pragmatic terms – the forthcoming *Oxford Comparative History of Latin American Literary Cultures*, edited by Mario J. Valdés and Djelal Kadir, and the *Comparative History of East-Central European Literary Cultures: Nineteenth and Twentieth Centuries*, edited by Marcel Cornis-Pope and John Neubauer – are mentioned in various essays because it was through several authors' involvement with the Toronto project that this work was conceived.» [Preface, *Theorizing Literary Theory in Dialogue*], in *Rethinking Literary History*, Linda Hutcheon e Mario J. Valdés (eds.), Nova Iorque, Oxford University Press, 2002, p. xl.

¹¹ Cf. Mario Valdés, «Rethinking the History of Literary History», in *Rethinking Literary History*, p. 71.

¹² Cf. «Racial Memory and Literary History», in *Rethinking Literary History*, p. 53.

¹³ Autor de vários romances, entre eles, *The English Patient* (1996), mais tarde transposto para o cinema, onde a questão da identidade é uma das temáticas.

¹⁴ Cf. «Rethinking the National Model», in *Rethinking Literary History*, pp. 3-49.

¹⁵ «The basic feature of the colonial model is the colonial difference that framed not only the notion of literature and history, but also every aspect of the social and epistemic sphere, including, of course, ethics, religion, and science, as conceived and practiced from Copernicus and Galileo to Newton.» (Walter D. Mignolo, «Rethinking the Colonial Model», in *Rethinking Literary History*, p. 159).

potências coloniais europeias, quando, durante o século XIX, desenharam um novo mapa geopolítico pelo qual se viria a impor o cânone ocidental a práticas linguísticas e culturais que nada tinham que ver com as origens Greco-Latinas europeias. A “diferença colonial” deu origem às literaturas marginalizadas do Terceiro Mundo, submetidas a uma hierarquia cultural e literária que hoje em dia as diásporas do pós-colonialismo questionam, como sublinha o testemunho pessoal de Homi K. Bhabha¹⁶. Enquanto historiografia totalizante do tipo hegeliano¹⁷, a História Literária tradicional tem sido uma das muitas histórias escritas para legitimar nacionalismos e acentuar diferenças, colocando a literatura ao serviço de interesses ideológicos.

Apesar da resistência que ainda se faz sentir em várias sociedades, há que reconhecer que o modelo mononacionalista europeu do século XIX é incompatível com um mundo pós-colonial, multiracial, multicultural como o nosso, onde predomina um hibridismo social resultante de constantes movimentos migratórios e de uma multiplicidade de diásporas, um mundo submetido aos efeitos da massificação cultural e da comunicação instantânea dos media electrónicos, como a televisão e a internet, e de uma economia transnacional¹⁸. Neste contexto, uma narrativa nacionalista teleológica com uma cronologia de continuidades e descontinuidades deixou de ter sentido, assim como, afirma Hutcheon, o “estado-nação” deixou de ter «o monopólio sobre a nossa maneira de actuar e de pensar»¹⁹. Hoje em dia a identidade nacional tende a ultrapassar as fronteiras do “estado-nação”, ainda que alguns antigos impérios tratem de confiná-la territorialmente, apelando ao sentimento nostálgico das origens e da tradição.

Mario Valdés rejeita, tal como Hutcheon, uma História Literária intervencionista e autoritária. Motivado pelas teorias históricas que se têm desenvolvido tanto na Europa como nas Américas, Valdés propõe uma «história literária efectiva»²⁰, escrita segundo a perspectiva historiográfica contemporânea, isto é, uma história literária que mantenha uma dialéctica entre a experiência do presente, entendido como ponto de partida para a interpretação histórica, e o passado, que é questionado e desconstruído²¹. A “história literária efectiva” é, como qualquer história literária, um constructo que abarca espaços político-geográficos coincidentes ou não com os espaços nacionais considerados pela História Literária tradicional. A alternativa sugerida por Valdés assenta na experiência colectiva de uma comunidade que, no presente, reflecte sobre uma experiência colectiva, no passado. Neutraliza deste modo o modelo de “estado-nação”, baseado na supremacia de uma etnia e de uma língua e em outros valores simbólicos que ajudam a construir uma identidade nacional.

Em substituição das seqüências cronológicas com descontinuidades e rupturas que conduzem geralmente a interpretações conflituosas²², Valdez recomenda o uso de articulações ou nós culturais com *links* ou ramificações que assinalam pontos de encontro ou confluências de culturas. As causas das tensões, rupturas, recuperações, transformações que se verificam ao longo da história literária emergem de cada um

¹⁶ «A Personal Response», in *Rethinking Literary History*, p. 195.

¹⁷ Cf. Marshal Brown, «Rethinking the Scale of Literary History», in *Rethinking Literary History*, p. 116.

¹⁸ Cf. Linda Hutcheon, «Rethinking the National Model», in *Rethinking Literary History*, pp. 3-5.

¹⁹ «Rethinking the National Model», in *Rethinking Literary History*, p. 25.

²⁰ «The term effective history, which I use following Paul Ricoeur, in a practical sense means an open literary history, but as a philosophical concept it is the foundation of a new paradigm of historiography that I have been discussing here in relation to literary history. It is clearly related to recent developments of new history in Europe and in the Americas. Effective literary history begins with the recognition that history, and literary history in particular, is effective insofar as it is used and is of use to would-be readers; it is a concept deeply aligned with the idea that we are affected in the present by our sense of the past.» (*Artigo citado*, p. 67).

²¹ *Idem*, p. 74.

²² «The high point in national literary history came in the first decades of the twentieth century for the post part developed and fostered by Wilhelm Dilthey's philosophy of contextualized meaning as the ground for the interpretation of literary texts. The fundamental flaw in Dilthey's aesthetics was to ignore the reader's part in the making of the interpretation.» (*Idem*, p. 74).

desses nós²³. São designados como nós temporais quando referem uma data específica, como a da queda do muro de Berlim (1989) ou, no caso português, o início ou o fim da guerra colonial e da descolonização, cabendo ao mediador, o historiador literário, determinar a duração do processo que foi causa da descontinuidade ou ruptura, se é que ocorreram; ou nós topográficos, gerados por forças geográficas e políticas que tenham provocado uma interação cultural, como uma cidade onde irradia uma cultura literária para outros lugares, o caso de Praga nos princípios do século XX ou de Paris no século XIX; ou nós institucionais, como aconteceu, diz Valdés, com a acção da Companhia de Jesus na América do Sul; ou nós figurativos, sempre que uma personalidade se distingue, dando origem a uma cultura literária específica, como sucedeu com Franz Kafka (1883-1924), austríaco judeu nascido em Praga com uma obra ficcionada escrita em língua alemã²⁴.

O conceito de “história literária efectiva” proposto por Valdés é essencialmente um campo aberto à investigação da cultura literária²⁵ que, à semelhança do que se passa com outras ciências experimentais²⁶, exige uma equipa de colaboradores para que um projecto de tal dimensão e diversidade se torne viável.

Em vez de uma inventariação cronológica de autores e obras confinada a um espaço geográfico e a uma só língua, pretende-se uma História Literária baseada na interdisciplinaridade e na interactividade, que veja na literatura um meio de comunicação cultural entre uma ou mais do que uma área linguística. Será pois uma alternativa aos modelos anteriores, que são substituídos por uma perspectiva literária e cultural de natureza comparatista. Daí a importância da sua ligação à Literatura Comparada e aos Estudos Comparados. É evidente que se trata de um projecto ambicioso a que se opõem “sentimentos locais e provincianos” difíceis de erradicar, como já reconheciam Wellek e Warren²⁷, ou a que resistam departamentos de literaturas que, tanto na Europa como nos Estados Unidos, se legitimaram através de uma História Literária nacionalista²⁸.

Parece ser consensual entre os teóricos contemporâneos que a revitalização da História Literária exige a substituição do modelo da “narrativa mestra” por um modelo de “translação cultural”²⁹ com “múltiplas histórias” locais com vista a estudar “a heterogeneidade e a diversidade literárias”³⁰, quer a nível de produção quer a nível de recepção.

²³ *Idem*, p. 70.

²⁴ Devido à variedade de leituras que os textos poéticos de Pessoa têm proporcionado em diferentes espaços culturais e linguísticos, o poeta português poderá ser considerado como uma figura que transcende as fronteiras nacionais.

²⁵ “The horizon of expectation can be summarized as the need to make the past a part of the present in cultural inquiry. If we restore the dialect between the space of experience and the horizon of expectation we push the inquiry into the questions of legitimacy, symbolic process, and cultural identity on a deeper level, one that I believe has significant consequences for the meaning of our relation with the cultural past. One of the important consequences is the opening up of forgotten possibilities, that is, the potentialities of symbolic representations that were cast off when they were not incorporated into literary history and constituted repressed cultural activity that did not meet with the acceptance of the literary historians of the day. Once such repressions have been established in the tradition, they become the black holes of literary holes of literary history that prompt the emergence of partial counter-histories, which examine these areas of cultural activity in isolation. Such is clearly the case with gay and lesbian literary historical studies or the historical study of women’s writing from earlier periods” (*Idem*, p. 65).

²⁶ *Idem*, p. 75.

²⁷ “Literary history as a synthesis, literary history on a super-national scale, will have to be written again. The study of comparative literature in this sense will make high demands on the linguistic proficiencies of our scholars. It asks for a widening of perspectives, a suppression of local and provincial sentiments, not easy to achieve. Yet literature is one, as art and humanity are one; and in this conception lies the future of historical literary studies” (René Wellek and Austen Warren, *Theory of Literature*, Nova Iorque, A Harvest Book, Harcourt, Brace & World, Inc., 1956, p. 50).

²⁸ Cf. Stephen Greenblatt, *Artigo citado*, p. 52.

²⁹ Cf. Homi K. Bhabha, «Afterword», in *Rethinking Literary History*, p. 203.

³⁰ Cf. Linda Hutcheon, «Preface», in *Rethinking Literary History*, p. xii.

Bibliografia

- BAHABHA, Homi, K.
2002, «A Personal Response», in HUTCHEON, L. e VALDÉS, M. J. (eds.), *Rethinking Literary History*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 194-204.
- BERSANI, Leo
1990, *The Culture of Redemption*, Cambr. (Mass), Londres, Harvard University Press.
- BROWN, Marshall
2002, «Rethinking the Scale of Literary History», in HUTCHEON, L. e VALDÉS, M. J. (eds.), *Rethinking Literary History*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 116-154.
- BULGER, Laura
2000, «O tempo desencontrado da História Literária e o tempo reencontrado nos "murmúrios" e nas linguagens de Babel», in Actas do Colóquio Internacional, *Histórias Literárias Comparadas*, Lisboa, Universidade Católica, Edições Colibri.
- GREENBLATT, Stephen
2002, «Racial Memory and Literary History», in HUTCHEON, L. e VALDÉS, M. J. (eds.), *Rethinking Literary History*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 50-62.
- HUTCHEON, Linda
2002, «Preface, Theorizing Literary Theory in Dialogue», in LHUTCHEON, L. e VALDÉS, M. J. (eds.), *Rethinking Literary History*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. ix-xiii.
- HUTCHEON, Linda
2002, «Rethinking the National Model», in HUTCHEON, L. e VALDÉS, M. J. (eds.), *Rethinking Literary History*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 3-49.
- JAUSS, H. R.,
1978, *Pour une esthétique de la réception*, Paris, Gallimard.
- LODGE, David,
«Historicism and Literary History: Mapping the Modern Period», in *Working with Structuralism, Essays and Reviews on Nineteenth-and Twentieth-Century Literature*, Boston, Londres e Henley, Routledge & Kegan Paul, pp. 68-75.
- LUKÁCS, Georg
1920, *The Theory of the Novel*, Cambridge, Mass., The MIT Press.
- MIGNOLO, Walter
2002, «Rethinking the Colonial Model», in HUTCHEON, L. e VALDÉS, M. J. (eds.), *Rethinking Literary History*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 155-193.
- SALINGER, J. D.
1951, *The Catcher in the Rye*, Boston, Toronto, Londres, Little, Brown and Company.
- SULEIMAN, Susan Rubin,
1983, «The Structure of Apprenticeship», in *Authoritarian Fictions, The Ideological Novel as a Literary Genre*, Nova Iorque, Columbia University Press, pp. 63-100.
- VALDÉS, Mario
2002, «Rethinking the History of Literary History», in HUTCHEON, L. e VALDÉS, M. J. (eds.), *Rethinking Literary History*, Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 63-115.
- WELLEK René e WARREN, Austen
1956, *Theory of Literature*, Nova Iorque, A Harvest Book, Harcourt, Brace & World, Inc.